

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

Adilson Rodrigues Camacho

A geografia no nascimento do mundo: existência e conhecimento.

São Paulo
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

A geografia no nascimento do mundo: existência e conhecimento.

Adilson Rodrigues Camacho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Amália Inês Geraiges de Lemos

São Paulo
2008

Ofereço este trabalho a Ricardo, meu pai, com quem ainda aprendo muito! E a Carolina, minha mãe, com quem aprendi o que é eternidade...

AGRADEÇO

Muito a **Rose**, companheira, que nos deu a *Carolinha* e o *Rafa*, além de muito apoio. A história de agradecer pela paciência é clássica e então, aí vai: obrigado por estar perto.

Muito a *Jéssica*, pela oportunidade de ser seu pai, o que ainda estou aprendendo...

Muito a *Miriam* e a *Cida*, pela companhia sempre tão rica.

Muito as minhas irmãs, *Sônia* e *Nanci*, pelo que já tivemos.

Muito àqueles responsáveis diretamente pela minha vida de estudos; são eles: *Regina Sader*, a primeira oportunidade de pesquisa na graduação, levou-me para os núcleos de estudo no Departamento de Antropologia; *Nicélio César Tonelli*, o *César*, muito estudioso e disciplinado, muito me ensinou sobre conduta acadêmica; a *Helena Kohn* e a *Fani*, pelos convites para estudar; ao *Scarlatto*, pelas proveitosas sugestões no exame de qualificação, ao caríssimo *Eliseu S. Sposito* que me acolheu na UNESP, em sua casa, e que, falando pouco, disse muita coisa importante...; ao amigo *Eduardo Geraldês* com quem venho aprendendo muita coisa, a maior delas disciplina! E disponibilidade: obrigado, amigo, pelo diálogo; a *Ivy*, amiga, pelo estímulo à pesquisa e facilidade de comunicação, que contam muito aqui; ao *Celso*, querido amigo.

Muito a **Inês**, orientadora querida, amiga. Pelo apoio e acolhida nos momentos de maior ansiedade, pois muita gente querida se foi enquanto conversávamos. Obrigado pela liberdade que me vem ensinando a duras penas, a organizar-me.

Muito todos com quem aprendo e aprenderei, meus alunos e meus professores; além dos colegas: *Thaís*, *Marília*, *Marion*, *Keko*, *Silvio*, *Iole*, *Maria Thereza*, *Maria Aparecida*, *Maria Leopoldina*, *Gil*, *Marisa*, *Bianca*, *Pedro*, *Tainá*, *Claudia*, *Sandra*, *Marina*, *Mônica* e *Silvana*, e muita gente de quem gosto muito, e que não estão nesta página. Obrigado!

RESUMO

Esta pesquisa vem ao modo de um diálogo ou ponte entre fenomenologia e ciência geográfica. O percurso tem início com o reconhecimento da ontologia comum entre sujeito e mundo, continua com a experiência da percepção com abertura e fechamento das coisas, numa operação constituinte do meio como mundo e lugar, pela atividade humana, diante daquele instituído, passivo, acabado. Das coisas chega-se ao lugar, deste vai-se ao mundo, até que dele se retorna; um ciclo.

A ontologia comum estabelecida como ontologia encarnada permite procurar no recuo ao pré-objetivo, outros atributos normalmente desconsiderados dos lugares, os quais serviram de parâmetro à sugestão de avaliação e prognóstico. Para tanto, foram realizados trabalhos de campo como oportunidade de aplicação das noções consideradas.

Palavras-chave: diálogo entre filosofia e geografia, ontologia comum, constituição e instituição, experiência e percepção, abertura e fechamento, meio, lugar, mundo.

ABSTRACT

This research is the way of dialogue or a bridge between phenomenology and geographical science. The route begins with the common ontology between subject and world, continues with the experience of perception with opening and closing of things, a constituent of operation as a means world and place for the activity, given that up, liabilities, finished. Of the things you get to the place, this go to the world, even if it returns, is a cycle.

The ontology established as common ontology makes searching in the red throwback to pre-order, the pre-purpose other attributes normally disregarded, the places, thinking on assessment and prognosis of these places. To this end, the field work was conducted as an opportunity for the application of the concepts considered.

Keywords: dialogue between philosophy and geography, common ontology, and institution building, experience and perception, opening and closing, means, place, world.

SUMÁRIO

Prévias ao percurso – o que se quis abrir	8
1 - Geografia e existência: Mundo e Terra como condição do conhecimento.	14
2. Experiência da percepção e sua espacialidade. <i>Das coisas ao lugar.</i>	21
2.1. Coisas e experiência: as raízes e os horizontes de nossa espacialidade e o lugar aberto	28
2.2. Os pactos de confiança: sob as pontes os “ <i>eus</i> ” e seus mundos na base do mundo compartilhado.	41
3. O lugar tem sentido no mundo fechado? <i>Do lugar ao mundo.</i>	53
4. Meio constituído, entre lugar e mundo sendo ambos.	64
4.1. Escala. Movimento no espaço-tempo dos horizontes das coisas	66
4.2. O lugar é já um meio envolvido pelo tecido do mundo.	69
4.3. A carne do meio, armadura e chão do lugar.	78
5. <i>Do mundo ao lugar</i> : uma nova abertura ao vivido, agora científica.	82
5.1. No vivido, a geografia encontra o humano	86
5.2. De volta ao lugar, a estrutura encarnada é condição de coerência.	90
5.3. Espacialidade da forma e formas espaciais: caracterização e apontamentos.	94
5.4. Superando os pactos de confiança. Para onde o trabalho aponta.	101
6. O caminho do mundo pelo abrir e fechar	104
6.1. Grupos e roteiros	106
6.2. Referencia cartográfica e Fotos	120
Referências Bibliográficas	142

Prévias ao percurso – o que se quis abrir

“Num sentido, existe começo, mas, noutro sentido essa imagem nos desnorteia. A verdade é que o autor tenta estabelecer um novo ponto de partida mas ao mesmo tempo se proíbe a busca de um novo ponto de origem que permitiria traçar o caminho do saber absoluto. Talvez nisto sua empresa se distinga mais profundamente da dos seus antecessores. (...). Assim, nos seus primeiros esboços de introdução, partia daquela observação – que não podemos encontrar uma origem em Deus, na natureza ou no homem, que tais tentativas se reúnem no mito de uma explicitação total do mundo, de uma adequação completa do pensamento e do ser, que não leva em linha de conta a nossa inserção no ser de que falamos, que esse mito não sustenta, aliás, no nosso tempo, nenhuma pesquisa fecunda, e que dissipá-lo não é cair no ceticismo e no irracionalismo, mas pela primeira vez conhecer a verdade de nossa situação”. Claude Lefort, acerca de “O visível e o invisível” de Maurice Merleau-Ponty . Maurice Merleau-Ponty (2005: 260).

I - Introdução

A pesquisa nasceu de uma insatisfação inicial com os pontos de partida comumente adotados pelo geógrafo em seu trabalho. Insatisfação que, em sua origem, explica-se por uma dificuldade em partir do lugar dado, abordando-o como se já tudo, assim, estivesse constituído, resolvido; ao menos no que diz respeito ao seu estatuto de realidade. Tinha que fazer uma ponte cujas bases estavam na geografia e na filosofia. O objetivo almejado é o de uma aproximação geográfica, buscando *as próprias coisas*, conduzido inicialmente pela *consciência husserliana*¹ a investigar em meio aos horizontes dessas mesmas coisas, mas, aquém do “já pronto” e determinado sobre o que se discursa as mais das vezes com tanta convicção. E, amparado na advertência de Maurice Merleau-Ponty trazida em epígrafe, o fulcro da tese é: **o que é e qual seria o devir coerente desse lugar de coisas no mundo?** Trata-se de uma “*reflexão operatória*” sobre a coerência geográfica, com seus critérios.

Este trabalho pretende refutar os linhas gerais de uma geografia dividida, manifestantes de afastamentos perigosos daqueles projetos geográficos integrados, como o de C. Sauer, M. Sorre, P. V. De La Blache, somente para citar alguns de intenção evidente. E se é no

¹ Acompanhando algumas das idéias mais importantes de gente tão ilustre, como Ortega y Gasset, Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty; este o que me pareceu continuar mais próximo do caminho do mestre, inovando.

espaço vivido que as coisas, os lugares e o que se diz deles têm sentido, nele é que devem estar os fundamentos da abordagem geográfica da Terra e do Mundo, atinentes ao horizonte da teoria, requerendo, portanto, explicitação do formato ou configuração da pesquisa.

É propedêutico ao trabalho do geógrafo traçar a rota dos trajetos. O nosso, quis uma ponte entre os principais cânones do pensamento filosófico e do científico, que está firmada em Maurice Merleau-Ponty, de um lado, e em Milton Santos, de outro²; autores escolhidos pelo potencial e efetivo diálogo com muitos outros e, principalmente pela extensão que suas notas alcançam. E com esse assunto introduzimos a problemática principal.

A reflexão crítica sobre o conhecimento científico e seus prejuízos deve reconhecer o *esquecimento*³. Com o auxílio de instrumentos analíticos e dialéticos, assentados nas atividades instituintes e constituintes dos entornos de que se fala, avistam-se muitos caminhos, porém, o inquérito dá-se com base na geografia que se viu mais nitidamente quando neles nos colocamos; aquela que nos pareceu mais viável. As atividades de que estamos falando evocam o rol infinito de ações a que nos dedicamos no cotidiano, ou melhor, na atitude natural.

O modo encontrado de seguir foi tatear, primeiramente instaurando um diálogo fomentado pelas dúvidas e insatisfações, com pensadores que amparam as idéias aqui sustentadas, e com outros quando isso nos pareceu conveniente. Dúvidas e insatisfações formadoras do binômio operatório do raciocínio desta investigação, cujo intento, aqui, seguindo as teses de Maurice Merleau-Ponty, é o de integrar aquilo que se costumou separar, como as relações entre sujeito e objeto, tratando de abraçar os sentidos, sustentar as tensões [teóricas] e não abrir mão das possibilidades, antes de testá-las. Caminho árido. Contudo, a vida em si mesma implica certo saber, tácito, e o método, construções inacabadas.

O rasto, por onde andei com os pés e com a caneta, movido de insatisfação em insatisfação, é de soluções sempre temporárias. O texto vai, então, ao modo de uma

² Além de Armando Corrêa da Silva, que muito nos ajuda na empreitada.

³ O esquecimento de que fala Maurice Merleau-Ponty é aquele da ciência quanto à origem das coisas de que trata, da entrada das coisas no mundo da objetividade.

aproximação como relação de percepção das coisas, considerando aquilo que me atraía o interesse. Neste momento, as coisas e o lugar que estão postos tanto por um empirismo quanto por um intelectualismo, devem ser perscrutados em suas ligações com o espaço geográfico, a Terra e o mundo. É de um lugar a um só tempo *instituído*, anônimo e *constituído*, pessoal e identitário de que se está tratando, qualidades reunidas na experiência vivida além da posição política.

O rasto resultante da marcação do roteiro é também amparado na ordem no trajeto percorrido com os pés, no trabalho de campo, apresentado no último *capítulo*. O texto é também um rasto deixado em nome da busca das conexões sociais, não sendo apenas físico (pegadas, coisas em que esbarrei, quebradas, consertadas), ou biológico (situação orgânica), ou simbólica (história, cultura, comunicação sobre o caminho), é tudo junto. Então, quando *falo* do trajeto, do que vi, do que sei que sempre estive ali, do que transformei em mim na experiência, de como a relação situada virou lugar, pois espacial originalmente, trago dimensões diferentes da existência. É a expressão *prático-conceitual* da existência. Desdobrar o lugar pelo caminho, mente e membros, um corpo inteiro que se torna sujeito em meio às coisas, é a proposição do *corpo-sujeito* de Maurice Merleau-Ponty.

O texto cambia entre terceira e primeira pessoas, em virtude de minha posição no texto, dissertando sobre as coisas tornadas meio e lugares (terceira pessoa), ou ambigualmente como sujeito que integra os objetos da descrição (primeira pessoa do singular) e integrado neste (primeira pessoa do plural) num meio que me torna visível no lugar como conjunto; desejo geográfico originário. Entretanto, a operação é geradora do esquecimento das coisas na base do lugar, dessa realidade “primeira”, ora se mostrando mais diretamente, ora não aparecendo, como que invisível, o que significa estar presente, “trabalhando” pelo que aparece, como se verá adiante.

Pelos capítulos, disserta-se sobre a *abertura* e a *constituição* do mundo, que implicam seu *fechamento* e *instituição*. Pelos **seis capítulos do texto** disserta-se sobre a *abertura* das coisas, a *instituição* do lugar e minha descrição de percipiente neles intervem ao trazer aspectos do caminho da *constituição* que conforma esse lugar.

Movimentando-nos progressivamente por problemas e soluções, já o dissemos, partimos, no *primeiro capítulo*, do constrangimento com a realidade dada, complementada,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

